







Copyright © 2005, por Júlio Zabatiero

Todos os direitos reservados

*Coordenação editorial:* Silvia Justino

*Preparação de texto:* Renata Bonin

*Revisão:* Rodolfo Ortiz

*Supervisão de produção:* Lilian Melo

*Capa:* Douglas Lucas

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada.  
2ª ed. (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indicação específica.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Zabatiero, Júlio

Fundamentos da teologia prática / Júlio Zabatiero. — São Paulo :  
Mundo Cristão, 2005.

Bibliografia.

ISBN 85-7325-417-3

1. Teologia prática I. Título.

05-4223

CDD-230

**Índice para catálogo sistemático**

1. Teologia prática : Cristianismo 230

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

**Associação Religiosa Editora Mundo Cristão**

Rua Antonio Carlos Tacconi, 79 – CEP 04810-020 – São Paulo – SP – Brasil

Telefone: (11) 5668-1700 – Home page: [www.mundocristao.com.br](http://www.mundocristao.com.br)

Editora associada a:

- Associação Brasileira de Editores Cristãos
- Câmara Brasileira do Livro
- Evangelical Christian Publishers Association

A 1ª edição foi publicada em janeiro de 2006, com uma tiragem de 2.500 exemplares.

Impresso no Brasil

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

06 07 08 09 10 11

---

# Sumário

---

<i>Prefácio</i>	7
<i>Introdução</i>	11
1. A teologia prática como modo de ser da teologia cristã	19
2. Teologia prática: uma teologia da ação em discernimento	33
3. Uma cristologia prática: o senhorio de Jesus	49
4. Uma soteriologia prática: vida em liberdade	63
5. Uma espiritualidade cristocêntrica	77
6. Uma espiritualidade solidária	93
7. A missiologia integral paulina	107
<i>Conclusão – O circuito teológico-prático: a mística humana do mistério divino</i>	125
<i>Bibliografia de consulta sugerida</i>	131
<i>Bibliografia</i>	133
<i>Sobre o autor</i>	137



---

## Prefácio

---

CONSIDERO JÚLIO ZABATIERO um dos melhores teólogos brasileiros. Não me canso de admirar sua habilidade em escrever e principalmente em compartilhar (quando quer) coisas profundas e complicadas com muita simplicidade. Nesta sua obra, mais uma vez ele nos brinda com um trabalho de muita criatividade e, ao mesmo tempo, extremamente simples para que todos pudessem tirar proveito dele.

A teologia prática precisava ser definida e redesenhada para nossos pastores, professores de seminários e seminaristas, a fim de que ela pudesse se firmar em relação às outras teologias. Ficava sempre no ar a idéia de que a capacidade acadêmica de quem trabalha com a teologia prática é inferior à daqueles que trabalham com as demais disciplinas. Creio que o autor rompe as barreiras fictícias do mundo teológico, as quais já não se sustentam no mundo moderno, ao definir que “teologia prática é teologia que nasce da prática teológica”.

Considero também valiosa a escolha de uma das cartas do apóstolo Paulo (Colossenses) como ponto de partida. Mais uma vez, rompem-se barreiras preconceituosas no saber teológico. Júlio parte

da ação missionária de uma das pessoas mais marcantes do cristianismo para propor que: “fazer teologia prática é refletir criticamente sobre a prática teológica em nosso contexto de vida”. Embora esta afirmativa pareça óbvia, a realidade é que, em vez de reiterá-la, muitos estudiosos da Bíblia têm negado que a missão é a mãe da teologia.<sup>1</sup>

Há autores que não apenas desprezam a missão, mas também os que trabalham teologicamente a partir dela. Entretanto, como é possível elaborar teologia sem praticá-la, especialmente por se tratar de ação divina? Por isso, a caducidade de certos pensamentos teológicos. Foram formulados longe da realidade, do contexto em que o povo está inserido.

Precisamos de coragem para romper com os conceitos impostos à construção do saber e em especial à formação da liderança cristã (através de seminários teológicos, mas não exclusivamente) que vem despontando e que terá a grande responsabilidade de conduzir a igreja nas próximas décadas.

O surgimento de tantos modelos eclesiais tem se tornado um tremendo desafio para as pessoas preocupadas com o rumo que a igreja vem tomando. Não basta apenas criticar os novos modelos. É preciso propor uma teologia adequada aos novos tempos. Por isso, creio que este livro poderá auxiliar-nos nas reflexões futuras. Refletir teologicamente é uma necessidade, e uma necessidade urgente.

É preciso dar um basta na crítica apenas pela crítica, fundamentada em postulados teológicos distantes de nossa realidade, e por isso inócuos para a caminhada da igreja de hoje.

Duas colocações finais. Os textos de Júlio mostram dois fatos bem claros: ele é um homem comprometido com a Palavra de Deus,

<sup>1</sup>Martin KAHLER, *Mission is the “mother of theology”*, p. 190.

o que torna sua teologia prática acima de tudo uma teologia bíblica, e é inteiramente comprometido com a missão da igreja.

Estes dois fatos, por si só, me levam a sugerir-lhe que leia esse texto e use-o como instrumento para aprimorar seu ministério, ou seja, sua teologia prática.

ANTONIO CARLOS BARRO

*Mestre e Doutor em Missiologia*

*Membro do Comitê Executivo do Congresso de Lausanne*



---

# Introdução

---

CONSIDERO O ESCREVER UM exercício de liberdade e paixão. A liberdade de refletir criticamente sobre minha prática, minha igreja, minha escola, enfim o mundo em que vivo, e a paixão de servir a Deus e edificar a igreja, na ardente expectativa do Reino de Deus.

Vivemos em um tempo paradoxal: nunca tantas novidades geraram tanta mesmice! O consumismo da pós-modernidade cria e destrói seus produtos com imensa velocidade. Tudo tem prazo de validade efêmero. Quantos meses dura um corinho? Quantos anos dura um modelo de igreja? Quantos livros de liderança cristã ainda terão de ser escritos para aprendermos a liderar?

Nunca houve tantos livros de teologia publicados no Brasil. Livros de todos os tipos, de todas as tendências e épocas, e apesar de tamanha diversidade, porém, a imensa maioria é muito semelhante, já que não propõe formas diferentes de fazer teologia. Ficamos acostumados a pensar nela a partir das grandes divisões disciplinares que se formaram na Modernidade: teologia bíblica, teologia histórica, teologia sistemática e teologia prática. Cada uma dessas divisões apresenta suas regras, sua metodologia, seus objetivos e sua história.

Em ambientes de formação teológica, quando se menciona a palavra “teologia” sem adjetivos, quase sempre se pensa em teologia *sistemática*, e logo se revivem nomes como Berkhof, Barth, Tillich, Erickson e outros. Vem-nos à mente a imagem de pesados

livros que discutem os grandes temas doutrinários cristãos: Deus, Trindade, revelação, criação, pecado, redenção, igreja, escatologia, cristologia, pneumatologia etc. Para vários pastores e pastoras, outra lembrança não tão agradável também se manifesta: a do exame de ordenação...

Depois de muito tempo de domínio quase absoluto, a teologia *sistemática* passou a ser desafiada pela teologia *bíblica*. Qual delas teria o direito de ostentar o título de rainha das ciências teológicas? Será que a teologia sistemática, por ser sistemática, não é bíblica? Até que ponto a teologia bíblica é efetivamente *bíblica* (fiel às Escrituras)? Um nome não garante a qualidade da reflexão, afinal, várias obras de teologia bíblica não foram aceitas com entusiasmo pelas igrejas.

De uma forma ou de outra, porém, para muitas pessoas teologia bíblica e sistemática apresentam algo em comum: ocupam-se de conceitos, sistemas, noções abstratas que pouco ou nada têm que acrescentar à vida cotidiana das pessoas e comunidades cristãs. Embora esse juízo não seja de todo correto, transita livremente em vários círculos acadêmicos e em especial nos eclesiais.

Em síntese: quando se pensa em *teologia*, a maioria das pessoas lembra de teorias pouco interessantes e relevantes para os desafios da vida cristã e da prática ministerial. A própria teologia prática, em muitos casos, não tem passado de uma tecnologia, de uma teologia aplicada, que acaba não sendo nem *teologia*, nem *prática* — de acordo com as noções mais comuns desses dois termos.

Em ambientes acadêmicos, a teologia prática tende a ser relegada a segundo plano por ser pouco teológica, e em ambientes eclesiais tende a ser desconsiderada por ser teológica demais. A maior parte dos livros de teologia recém-publicados pode ser facilmente classificada numa dessas fronteiras disciplinares.

Essas breves considerações sobre a mesmice da novidade e sobre os diferentes prestígios da teologia no dia-a-dia eclesial e acadêmico

evangélico visam a ajudar-me a explicar um pouco a natureza desta obra. Embora se trate de um livro sobre teologia prática, a base argumentativa é a carta de Paulo aos colossenses, a temática segue a terminologia da teologia sistemática e o conteúdo não oferece modelos nem receitas para a prática. Você poderia pensar então: “Afinal, de que tipo de teologia trata este livro?”

Reafirmo o título: trata-se de um livro de teologia *prática*. No entanto, ele considera os limites da modernidade e tira proveito das possibilidades que a chamada pós-modernidade oferece, transgredindo as fronteiras disciplinares convencionais do saber teológico com liberdade e paixão.

Certamente este não é o primeiro livro de teologia que transgribe fronteiras disciplinares. Quem está acostumado à leitura teológica se lembrará de imediato de autoras e autores recentes — como J. Moltmann, J. Cone, L. Boff, Sallie McFague. De fato, há um amplo reconhecimento de que as fronteiras disciplinares criadas na modernidade estão desgastadas e precisam ser superadas.

Do reconhecimento à ação, entretanto, há uma longa distância a percorrer. Pense, por exemplo, no currículo de seminários e faculdades de teologia. Você se localiza facilmente nos departamentos de Bíblia, Teologia Sistemática e História, Teologia Prática e Ciências de Apoio ou Análise da Realidade.

Ao pensar em fazer mestrado ou doutorado em teologia, imediatamente essas áreas do saber teológico lhe serão oferecidas. A questão é: como reorganizar o currículo teológico de modo a transgredir essas fronteiras sem comprometer o reconhecimento do curso de teologia como tal? Toda organização de ensino teológico baseia-se nessa categorização disciplinar. Se a transgredimos, que fazer? Como serão os cursos de teologia?

Pense, também, em seu ministério eclesial ou missionário. Como conceber-lhe a identidade ministerial se essas fronteiras disciplinares deixarem de ser reconhecidas como a única forma possível de

organizar a atividade teológica e ministerial? Será que as palavras “pastor”, “missionário” e “educador” continuarão a representar com clareza seu significado?

Nas entrelinhas deste livro, por exemplo, proponho que toda pessoa que serve a Deus liderando a igreja através de ministérios “ordenados” (ou, se não “ordenados”, reconhecidos e estruturados nas instituições eclesíásticas), se considere, mais que ministra ou ministro, *teóloga prática* e *teólogo prático*. Que diferença fará essa nova visão de si em sua atividade ministerial e em sua auto-imagem? Se, em vez de “pastor(a)”, você se apresentar como “teólogo(a) prático(a)”, como as pessoas e a comunidade eclesial reagirão?

Proponho *nas entrelinhas* porque, afinal, mudanças dessa envergadura não dependem apenas da vontade de uma pessoa, por mais que essa intenção tenha sólida base teórica e relevância utópica para a igreja. Proponho apenas nas entrelinhas porque creio que mais importante que a aceitação teórica dessa possível mudança, é o reconhecimento da prática teológica como atividade devocional e ministerial relevante. Ela é tão necessária quanto qualquer tarefa ministerial e disciplina espiritual que nos dispusermos a definir ou reconhecer como prioritárias.

Teologia prática nasce da prática teológica. E esta indica, aqui, todo e qualquer serviço que, como líderes do povo de Deus, realizamos para a glória de Deus, a expansão do Reino, o crescimento da igreja e a edificação do Corpo de Cristo. Faço questão de destacar o adjetivo da expressão “prática *teológica*”. Encontramos mais comumente as expressões “prática *ministerial*”, “prática *missionária*”, “prática *de liderança*” ou, talvez a forma mais comum, simplesmente “prática”.

Pessoas *práticas* são pessoas eficazes, que não se perdem em teorias, nem gastam tempo com reflexões inúteis e muito menos com lucubrações estratosféricas. Pessoas práticas não são pessoas teológicas, nem pessoas teóricas. Quem é prático, faz. Quem é teórico,

pensa. Tais concepções não poderiam estar mais distantes do que este livro se dispõe a apresentar. Prática irrefletida tem *pouquíssima* eficácia. Teoria bem formulada é *extremamente* prática.

Para ser bem formulada, no entanto, a teoria deve nascer da prática. Essa é uma das razões por que optei por alicerçar estes fundamentos da teologia prática na carta aos colossenses. Todas as epístolas de Paulo são eminentemente teológicas. Trata-se de um conjunto de *teoria* na melhor acepção dessa palavra. São ótimas teorias teológicas porque nascem da prática paulina e da prática das igrejas paulinas, mas não se esgotam nela. Germinam da prática e vão crescendo, amadurecendo, florescendo. Tornam-se, então, prática refletida, conceitos, imagens, metáforas teológicas. Ao frutificar, delas colhemos mais e melhores práticas.

Fazer teologia prática é refletir criticamente sobre a teologia que praticamos em nosso contexto. Na linguagem bíblica, é exercer sabedoria e discernimento. A reflexão teológica, porém, embora surja da prática, não se alimenta dela. Seu alimento é teórico. Trata-se de *discursos* outros sobre a prática.

Para nós, evangélicos, a principal fonte teórica da teologia é a Escritura, a Palavra de Deus. Podemos encontrar obra mais teológico-prática? Na Bíblia a espiral teoria-prática-teoria-prática é exemplificada livro após livro, período histórico após período histórico, situação de vida após situação de vida.

Lembremo-nos dos profetas e das profetisas do antigo Israel, cujas histórias e cujos livros encontramos no Antigo Testamento. Eles fizeram teologia prática a partir da vivência com o povo de Deus, refletiram com sabedoria e discernimento para encontrar a vontade e o julgamento divinos sobre a realidade, e os anunciaram. Seus livros são exemplos de teologia prática, e suas vidas, de teólogos e teólogas práticas.

Pense em Jesus, o Messias. Sua prática teológica é fonte inesgotável de novas práticas e teorizações teológicas. Quanta compaixão

motivou suas ações. Quanta reflexão para agir dessa maneira. Imagine se Jesus, em vez de refletir teologicamente, apenas imitasse a teologia já pronta das lideranças judaicas de seu tempo. Entre muitas outras conseqüências, eu e você não seríamos cristãos e a igreja não existiria.

Jesus foi o pastor, o mestre, o teólogo por excelência. Sem escrever nenhum livro, fez teologia — e excelente teologia. Não escreveu em pergaminho, mas escreveu em corações e mentes de pessoas concretas. Algumas das quais, mais tarde, escreveram muitos livros.

Por isso, neste livro, exercitamos nossa compreensão da teologia prática ao construir, a partir de Colossenses 1:15-20, uma cristologia prática, refletindo sobre a supremacia de Jesus Cristo. Em seguida, a partir de Colossenses 2:6-15, ponderamos sobre a salvação ofertada por Deus, em Cristo, e concretizada na criação pelo Espírito Santo.

Ao refletir sobre a espiritualidade cristã, desenvolvemos o tema da espiritualidade *cristocêntrica*, com base no texto de Colossenses 2:16—3:, e da espiritualidade *solidária*, fundamentada em Colossenses 3:5-17.

Finalizamos nossa breve caminhada teológica com Paulo e os colossenses refletindo sobre a missão integral da igreja, conforme experimentada pelo apóstolo e seus companheiros de ministério. Ao fazê-lo, retornamos ao ponto de partida de toda reflexão teológica: oração e adoração. Só fazemos e pensamos missão porque Deus nos amou e entregou-se por nós: o mistério da graça que nos alcança e eleva até a filiação divina, à irmandade com Jesus, o Messias, o ungi-do pelo Espírito.

*Fundamentos da teologia prática* é, portanto, um convite. Um convite à transgressão. Transgressão segundo o exemplo de Cristo, que por fidelidade ao Pai e amor à humanidade não deixou de quebrar as leis de seu tempo e de sua religião.

É um convite à liberdade. Liberdade segundo o exemplo de Cristo, que a exerceu amorosa e utopicamente, entregando a própria

vida para que uma nova humanidade pudesse ser criada por Deus. Liberdade que, alimentada pela paixão pelo Reino de Deus, atravessa fronteiras construídas por nós mesmos ao longo da história, vence tabus e propõe novas formas de viver. Fazer teologia é exercitar essa liberdade em meio a tantas determinações estruturais, marqueteiras e mercadológicas.

É um convite para que você escreva a teologia prática que este livro meramente introduz, sonha, imagina. Que você escreva teologia na forma de outros livros, de canções, de poesias, de novos ministérios, novas organizações cristãs, novas formas de relacionamento, novos modelos de espiritualidade. Que você escreva teologia com novas palavras e novas ações, novos formatos e novas formas de expressão. Que você seja a própria teologia em ação.



## A teologia prática como modo de ser da teologia cristã

---

LIGAR ESTREITAMENTE OS TERMOS teologia e prática não parece natural. E de fato não é. Essa situação é relativamente nova na história do pensamento cristão. Apenas a partir do desenvolvimento da modernidade ocidental é que a teologia cristã foi se identificando cada vez mais com um *sistema* de idéias, distanciando-se da vida cotidiana de cristãos e igrejas.

Hoje, as circunstâncias vêm mudando. A crise da modernidade também se tem refletido no campo religioso, e especificamente no mundo da teologia. É comum falar em teologia prática e, mais que isso, em teologia como algo essencialmente *prático*.

Como a teologia chegou a ser considerada prática? Em que ela consiste? Estas são as perguntas que tentaremos responder neste capítulo.

### PARADIGMAS DA TEOLOGIA CRISTÃ NA HISTÓRIA

Com base nas considerações desenvolvidas por E. Farley e James Fowler,<sup>1</sup> pode-se dizer que a história da teologia cristã conheceu três grandes paradigmas reguladores:

<sup>1</sup>*Faith development and pastoral care*, cap. 1.

1. Paradigma da teologia *habitual*. Predominou desde as origens da igreja cristã até o início da Idade Média. A teologia era um *habitus* de vida e estudo, concebida como conhecimento de Deus e construída por meio das disciplinas da oração, do estudo e da participação litúrgica. Objetivava a formação de pessoas, lideranças e comunidades eclesiais cristãs. Seus principais sujeitos foram os pais da Igreja, a hierarquia sacerdotal cristã e os concílios cristãos.

A teologia se desenvolveu principalmente em diálogo crítico com os ataques que a Igreja sofria, tanto internamente (pelas “heresias”) quanto externamente, por religiões e filosofias concorrentes. Nesse período, foram definidas as grandes linhas da teologia como atividade acadêmica, em especial quanto ao vínculo com a reflexão filosófica, seja mediante acordo metodológico seja pela recusa das premissas do saber filosófico.

2. Paradigma da teologia *científica*. Predominou durante a Idade Média até a Contra-Reforma. Nesse período, a teologia constituía o arcabouço ordenador de todo o conhecimento humano, bem como o das nascentes universidades na Europa.

A metodologia teológica praticada era, em grande medida, a mesma do paradigma anterior, com alterações mais significativas nas ênfases metodológicas, nas relações com a filosofia e, principalmente, na função da teologia. Esta ultrapassa as fronteiras eclesiais e assume papel determinante em todo o desenvolvimento do saber europeu — a teologia se torna a rainha do conhecimento.

Nomes como Abelardo e Tomás de Aquino figuram entre os principais protagonistas da teologia, colocando em segundo plano hierarquias eclesiais e concílios, ainda que a eles subordinados.

3. Paradigma da teologia *disciplinar*. Nasceu com a modernidade e predomina até hoje (ainda que sob os efeitos da crise de transição destes últimos anos da modernidade). Este paradigma se caracteriza

por subordinação da teologia aos imperativos do mundo acadêmico, devido à perda de prestígio e poder das Igrejas no campo universitário, e do saber em geral.

Essa subordinação foi transformando, cada vez mais, a teologia em uma “ciência”, ou melhor, em um sistema disciplinar de conhecimento, dividido em áreas do saber teológico ou em disciplinas particulares. Essas áreas foram desenvolvendo lealdades e metodologias diversas, conforme as ciências e os departamentos universitários com os quais passou a se vincular.

Os sujeitos da teologia foram se tornando cada vez mais teólogos profissionais, sejam aqueles a serviço das igrejas cristãs, sejam os mais diretamente vinculados às universidades, às quais desenvolveram lealdade, mesmo às expensas de sua lealdade eclesial.

Nesse tempo, a teologia enfrentou os grandes conflitos que o desenvolvimento da racionalidade moderna apresentou às igrejas e à adesão à fé cristã, individualmente. No meio universitário, a teologia é vista cada vez mais como *ciência*, e no meio eclesiástico como *reflexão doutrinário-dogmática*.

Conflitos foram gerados entre esses dois grandes ambientes do fazer teológico. A teologia vem se tornando atividade de profissionais e tem sido encarada com desconfiança pela membresia das diversas denominações cristãs.

## O PARADIGMA DISCIPLINAR MODERNO E A CRISE CONTEMPORÂNEA

### **As disciplinas teológicas na modernidade**

Como atividade acadêmica, a teologia foi se organizando ao redor de quatro grandes eixos disciplinares. São eles: a teologia sistemática, a teologia histórica, a teologia bíblica e a teologia prática. Essa terminologia, que reflete principalmente a prática teológica no meio protestante, deriva em grande parte da atividade acadêmica de F. Schleiermacher.

Nesse paradigma, a teologia *sistemática* foi assumindo o papel de mais importante eixo disciplinar da teologia. Desenvolvendo-se como reflexão sistemática sobre as verdades da fé cristã, seu método privilegiou o diálogo com a filosofia e a elaboração de grandes compêndios sistemáticos, coerentemente organizados para abranger todo o universo do saber teológico.

A partir desse privilegiado diálogo com a filosofia, várias correntes teológicas vêm sendo elaboradas, gerando muitos conflitos, em particular entre os sistemas teológicos tipicamente acadêmicos e aqueles tipicamente eclesiais. Parafrazeando Nietzsche e Foucault, pode-se dizer que na teologia sistemática concentrou-se a *vontade de verdade* de teólogos acadêmicos e eclesiais.

Por sua vez, a teologia *histórica* foi, desde o início deste paradigma, uma disciplina teológica *auxiliar*, a serviço da construção dos grandes sistemas teológicos ou doutrinários, conforme o espaço de produção teológica. Seu parceiro privilegiado de diálogo era a história da filosofia, e visava à ordenação cronológica e temática progressiva do saber teológico — no meio acadêmico —, permitindo, assim, a distinção entre *verdades* teológicas racionais e *crenças* religiosas.

Nos meios eclesiais, a teologia histórica objetivava primariamente a legitimação das doutrinas de cada denominação cristã. Daí os diferentes nomes pelos quais esta disciplina veio a ser conhecida: história dos dogmas, história das doutrinas, história da teologia, história do pensamento cristão.

Quanto à teologia *bíblica*, que inicialmente era uma disciplina auxiliar da teologia sistemática, no século XX passa a ser exercida com grande autonomia e a disputar com a sistemática o papel de rainha das disciplinas teológicas. Nos meios eclesiais, foi construída a partir da metodologia da exegese histórico-gramatical e estava a serviço da manutenção da verdade dos sistemas doutrinários confessionais. Especialmente no setor protestante, a teologia bíblica teve grande

desenvolvimento, dada a profunda vinculação que a verdade tem, nessas igrejas, com as Escrituras.

Nos ambientes acadêmicos, a teologia bíblica tem como método principal a exegese histórico-crítica. Era exercida ora como um ramo da teologia histórica a serviço da *sistemática*, ora como um ramo autônomo, buscando a consistência científica necessária para estabelecer-se e validar-se como distinta da teologia sistemática.

O quarto eixo disciplinar da teologia na modernidade foi o da teologia *prática*. Esta sempre ocupou o último lugar em termos de importância no panteão das ciências teológicas. Nos meios acadêmicos, foi exercida principalmente como uma teologia sistemática *aplicada* — da qual extraiu suas temáticas e metodologias — servindo como tecnologia.

Nos meios eclesiais, a teologia prática esteve subordinada aos interesses e às necessidades organizacionais das igrejas cristãs. Entendida também como tecnologia teológica, ela não conquistou autonomia, tornando-se principalmente uma teologia do ministério sacerdotal (ordenado) das denominações cristãs.

Apenas na segunda metade do século xx, a teologia *prática* passa a disputar espaço com as demais disciplinas teológicas e a se constituir autonomamente, desenvolvendo metodologia e objetivos específicos.

### **A crise do paradigma disciplinar moderno**

Embora ainda predominante, o paradigma disciplinar da teologia está em crise, como o saber moderno em geral. A crise do iluminismo e do projeto moderno racional-científico, comumente conhecido como *pós-modernidade*, também lançou seus efeitos sobre a atividade teológica. A fragmentação do sujeito, da razão e das ideologias, que colocou em xeque os grandes modelos racionais e científicos da modernidade, também produz efeitos relativamente devastadores nos círculos teológicos, em especial nos acadêmicos.

Embora pudéssemos nos deter longamente nesse ponto, debatendo sobre os contornos dessa crise externa à teologia, dirigiremos nossa atenção aos aspectos mais *internos* da crise do paradigma disciplinar.

No hemisfério norte, o paradigma disciplinar da teologia é desafiado pelo menos em três *fronts*, todos construídos a partir do período entre as duas Guerras Mundiais, alcançando o clímax após a Segunda Grande Guerra.

No campo da ação eclesial, desdobrando-se para dentro das universidades, a reflexão *missiológica* fomenta sérias críticas ao predomínio da forma sistemática e abstrata de fazer teologia, à qual convoca para uma profunda reflexão sobre a missão e o papel das igrejas cristãs.

Especialmente presente nos grandes conselhos interconfessionais protestantes — cujos nomes mais representativos são o Conselho Mundial de Igrejas e a Aliança Evangélica Mundial —, a missiologia vai se desenvolvendo como ciência teológica relativamente autônoma e ocupando cada vez mais espaço nas igrejas e nos círculos acadêmicos.

Entre os praticantes mais típicos da teologia, as correntes neoortodoxa (Barth, Brunner, Tillich etc.) e política (Metz, Moltmann etc.) foram as principais promotoras da crise da teologia sistemática. Conclamaram a um modelo de teologia mais abrangente, inclusivo, menos marcado pelas distinções entre as disciplinas teológicas e mais caracterizado pela *unidade* do saber teológico e pelo declínio da filosofia como parceira privilegiada de diálogo epistêmico. Especialmente no caso da teologia política, a sociologia passa a ser a grande parceira de reflexão da teologia.

A partir de meados dos anos 1960, começam a ser elaboradas as chamadas teologias *contextuais*, que questionam, com grande diversidade, o paradigma moderno do fazer teológico. As teologias feministas, negras, asiáticas, hispânicas (nos Estados Unidos) e outras

formas *locais* de saber teológico desafiam os modelos de racionalidade, o privilégio do profissionalismo dos teólogos e os lugares da teologia.

Na América Latina, a teologia da libertação e a teologia evangélica radical (evangelical) exerceram forte impacto na elaboração de novos modelos do fazer teológico, entendida a teologia especialmente como reflexão sobre a *prática* ou *práxis* cristã na sociedade. Já não vista como *ciência*, a teologia torna-se uma reflexão crítica militante, caracterizada pela pluralidade de sujeitos e de locais de elaboração, e pela grande diversidade de métodos e objetivos.

Essas teologias *locais* vieram a produzir um efeito colateral interessante: considerar *prática* (ou *práxis*) a teologia, alavancando os movimentos mais tipicamente pós-modernos de revisão paradigmática do campo teológico.

#### TEOLOGIA PRÁTICA: MODO DE SER DE TODA A TEOLOGIA

*Prática* é o modo de ser da *teologia* à medida que “o objetivo último da reflexão e construção teológicas é prático, não especulativo”.<sup>2</sup> O “primeiro é o compromisso de caridade, de serviço. A teologia vem depois, é *ato segundo*”.<sup>3</sup>

*Prática* é o modo de ser da teologia, pois nós a fazemos em um mundo marcado pelo pecado e pelo conseqüente sofrimento da pessoa e de toda a criação, que geme:

Diante da tragédia dos que sofrem, a fé em Jesus Cristo nos desafia à justiça e à equidade. O paradigma do Bom Samaritano (Lc 10:25-37) — o qual, diferentemente do sacerdote e do levita, sente compaixão e se detém para ajudar o ferido — serve de marco referencial para compreender o que significa refletir

<sup>2</sup>G. D. KAUFMAN, *In face of mystery. A constructive theology*, p. 430.

<sup>3</sup>G. GUTIÉRREZ, *Teologia da libertação. Perspectivas*, p. 24.

teologicamente sobre as vítimas e considerar as implicações que sua desgraça acarreta para o nosso compromisso de fé. [...] Fazer teologia, como nos recorda este episódio do Evangelho, não significa especular, mas encontrar novos estímulos para seguir a Jesus Cristo e dar testemunho das boas novas de seu reino.<sup>4</sup>

A crise do paradigma disciplinar moderno nos permite, então, iniciar uma caminhada rumo a uma nova compreensão da teologia cristã: essencialmente teologia da ação. Começemos por discutir uma nova definição da teologia.

Teologia (*prática*) é discurso crítico e construtivo sobre a ação cristã no mundo. Fundamenta-se no discernimento da ação de Deus e se constrói em diálogo — crítico e construtivo — com os discursos sobre a ação não-cristã e sobre a ação anticristã. A racionalidade da teologia consiste de uma *teoria crítico-discursiva da ação*. Sua finalidade é contribuir para o aperfeiçoamento da *ação cristã* na contemporaneidade, em resposta crística — na energia do Espírito Santo — à ação de Deus no mundo.

Teologia (*prática*) é *discurso*, ação comunicativa, atividade comunitária e não individual e isolada. Como tal, constrói-se a partir de reflexão, diálogo e confronto:

Como uma sociedade é sempre dividida em grupos sociais com interesses divergentes, não há uma perspectiva única sobre uma dada questão. Os indivíduos, em seus textos, defendem uma ou outra posição gerada no interior da sociedade em que vivem. O discurso é sempre a arena em que lutam esses pontos de vista em oposição. Um deles pode ser dominante, isto é, pode contar com a adesão de um número maior de pessoas. Isso, no entanto, não elimina o fato de que concepções contrárias se articulam sobre

<sup>4</sup>H. S. CARMONA, *Hacia una espiritualidad evangélica comprometida*, p. 95s.

um mesmo assunto. Um discurso é sempre, pois, a materialização de uma maneira social de considerar uma questão.<sup>5</sup>

Concebida como discurso, é preciso superar a idéia de que teologia só é feita por *teólogos*, por “profissionais” que se isolam da comunidade e vivem em meio a livros, textos e computadores. O papel do *teólogo* na igreja é partilhar a reflexão e estimular o pensamento e a ação críticos e construtivos.

O teólogo é o homem da comunicação na Igreja. Ele carrega uma linguagem religiosa tipicamente cristã, resultado de uma longa história. Conhece centenas de palavras e sabe usá-las. Quando fala, faz que a língua da Igreja circule. [...] Os teólogos são agentes de comunicação: agem no duplo plano dos cristãos que se convertem à sua vocação e do mundo que está à espera de uma palavra compreensível. Eles não são os condutores da evangelização, mas somente os especialistas em palavras. Não se evangeliza, porém, somente com palavras. O Evangelho é levado por pessoas vivas, nas quais a vida, os atos e os comportamentos esclarecem as palavras. Os discursos, as intervenções, os apelos recebem a sua força da pessoa. Os evangelizadores são pessoas comuns que vivem intensamente o Evangelho.<sup>6</sup>

De um lado, o diálogo sempre exige espelhar, mostrar a imagem do outro, num encontro face a face para compreender o interlocutor, seu discurso e sua ação. Por outro lado, exige voltar-se para *trás* de si, pensar ponderada e cuidadosamente sobre os próprios conceitos, valores e sentimentos, de modo que o diálogo seja significativo e transformador.

Como discurso sobre a ação *cristã*, o sujeito privilegiado da teologia é a comunidade cristã em ação no mundo, para a qual a

<sup>5</sup>F. P. SAVIOLI & J. L. FIORIN, *Lições de texto: leitura e redação*, p. 30.

<sup>6</sup>J. COMBLIN, *A força da palavra*, p. 382,7.

teologia servirá como meio e expressão de *discernimento* crítico e construtivo, simultaneamente (Rm 12:1,2; Cl 1:9-12).

O discurso é *crítico* porque não se pode conceber *perfeita, completa* ou *absoluta* a ação cristã no mundo, pois seria idolatria — e este é um risco que a igreja sempre corre, à medida que uma das tendências do ser humano é sempre considerar corretas as próprias ações, deixando os erros para os outros.

A ação cristã deve ser acompanhada constantemente do discernimento da comunidade cristã, visando a identificar nossos erros e acertos. Por mais amadurecida que seja a comunidade cristã, porém, a ação dela estará sempre aquém da plenitude do agir divino, ao qual é resposta pessoal no tempo e no espaço.

Ao mesmo tempo, porém, a ação cristã é discurso *construtivo*, pois não se restringe a descobrir e apontar erros, mas — buscando sempre responder de forma positiva à ação de Deus, que tudo criou e a tudo vivifica com sua justa e amorosa presença — visa a *construir* comunidades de reconciliação, amor e justiça.

Assim, as comunidades cristãs serão protótipos e primícias do Reino de Deus, espaços onde as pessoas poderão encontrar amizade, companheirismo, sentido para a vida e, especialmente, poderão encontrar Deus presente e atuante.

... a teologia não é ciência de um objeto que lhe permanece estranho ou indiferente: ela é, muito mais, sabedoria, conhecimento que se une à experiência prazerosa e amante, iluminação que vem do fundamento e prorrompe na busca e a abre à profundidade de Deus. Ela é “*actio*” do Espírito e “*passio*” da criatura, e, justamente, enquanto tal, torna-se também ação do homem e paixão do Mistério, que entra na humildade das palavras humanas.<sup>7</sup>

<sup>7</sup>B. FORTE, *A teologia como companheira, memória e profecia*, p. 195.

Por ser “*teo-logia*”, o critério último de sua elaboração não é a ação nem a práxis cristã, mas, sim, a ação de Deus em Cristo. De outra forma, em vez de teologia, torna-se uma *técnica*, apenas um modo de fazer, uma estratégia. A verdade da teologia deve corresponder à ação de Deus — cuja presença neste mundo e na Igreja é imanente, embora transcenda a toda a realidade criada — o Deus triúno, forma verdadeira da *comunidade* na diversidade, amorosamente Amigo e Reconciliador do universo (Ef 2:11-22; Cl 1:18-20).

Enquanto “*teo-logia*”, o discurso teológico prático está inserido na história humana e partilha de todas as características de sua historicidade. Deve-se ressaltar particularmente o caráter provisório e dialogal de toda elaboração teológica, sob o risco de a teologia transformar-se em letra morta e fonte de divisão e confusão na igreja.

Uma posição teológica transforma sua unilateralidade meramente finita em grave erro, caso não acolha a contrabalanço, o julgamento e o aprimoramento que os pontos de vista opostos costumam trazer. Entre seres históricos, a verdade aparece no diálogo, nascendo dialeticamente do confronto dos opostos e do novo e mais rico consenso que pode surgir desse confronto no Espírito.

A conseqüência imediata da verdade de nossa finitude histórica e da ação do Espírito Santo entre nós é que a condição essencial para a verdade dentro da comunidade é a liberdade do debate teológico. A “ortodoxia” representa um consenso histórico, a ser contrabalançado, criticado e aperfeiçoado por meio de debates posteriores à medida que as situações culturais se transformam, as interpretações do Evangelho mudam e a relatividade até mesmo daquele consenso se torna evidente.

Somente na atuação dinâmica do Espírito Santo através de diferentes perspectivas da Igreja total é que a ortodoxia se

torna “ortodoxa” e não no absoluto de uma perspectiva dentro do todo.<sup>8</sup>

Por ser *cristã*, a teologia é discurso cujo paradigma da ação não se encontra na Igreja, mas em Jesus Cristo, Alfa e Ômega de toda a criação. Sua presença ativa no mundo é articulada e configurada pelo Espírito Santo, que a tudo e a todos permeia como luz e vida, e que energiza a comunidade cristã para ser agente histórico da vontade divina. A teologia, nesse sentido, visa a construir um saber discursivo que nos permita seguir a Jesus, imitá-lo e caminhar em seus passos (Mc 1:16,17; 1Pe 2:21; Ef 5:1,2).

Por ser teologia da ação cristã *no mundo*, só pode ser feita em permanente “co-relação” discursiva com *o mundo em ação* — tanto a ação *não-cristã*, ou seja, aquela ação que reflete o agir de Deus, mas não se configura a partir das comunidades e instituições cristãs, quanto a ação entendida como *anticristã*, ou seja, aquela que se configura de forma contrária ao paradigma crístico e que a tradição cristã denomina *pecado*.

Nas palavras de Jesus, a teologia prática deve ser sal da *terra* e luz do *mundo*, e para sê-lo precisa dialogar, estar *na* terra e *no* mundo, mas sem ser *do* mundo (Jo 17:11-18). Sendo discurso sobre a ação cristã no mundo *presente*, é *contextual*, articulada a partir dos limites e das possibilidades da ação no tempo e no espaço específicos da comunidade cristã que a realiza.

... a contextualização do evangelho é possível pela ação do Espírito Santo no povo de Deus. Na medida em que a Palavra de Deus se encarna na igreja, o evangelho toma forma na cultura. E isto reflete o propósito de Deus: a intenção de Deus não é que o Evangelho

<sup>8</sup>L. GILKEY, *O Espírito e a descoberta da verdade através do diálogo*, p. 203,4.

se reduza a uma mensagem verbal, mas que se encarne na igreja e, através dela, na história. Aquele Deus que sempre falou aos homens a partir de dentro da situação histórica designou a igreja como o instrumento para a manifestação de Jesus Cristo em meio aos homens. A contextualização do evangelho jamais pode ser levada a cabo independente da contextualização da igreja na história.<sup>9</sup>

Por ser reflexão cristã no mundo, a teologia prática será discurso missionário, evangelizador, alimentador e nutridor da prática missionária da igreja. Discurso que coloca a igreja e sua teologia no cenário público das ações e discussões visando ao bem-estar da sociedade em que vivemos.

A teologia prática assume os riscos da presença no mundo e do diálogo crítico e construtivo com os saberes produzidos fora da Igreja, crendo que entre esses saberes haverá aqueles que contribuirão para a edificação do povo de Deus e para o bem-estar da criação. Assim entendida, a teologia prática se torna uma aventura de fé:

Não existem fórmulas mágicas que garantam uma solução automática para todos os problemas teológicos, éticos e sociais que nos desafiam em nossa igreja e sociedade pluralistas. Contudo, se, como os cristãos da tradição reformada crêem, a única questão fundamental por detrás de todas é saber o que o Deus triúno vivo das Escrituras está dizendo e fazendo em nossa época e em nosso tempo, e o que nós temos de dizer e fazer em resposta agradecida e obediente a este Deus vivo — então eu acho que é possível descobrir a maneira de Deus e a nossa maneira de tratar todas as questões.<sup>10</sup>

<sup>9</sup>C. R. PADILLA, *Missão integral. Ensaio sobre o Reino e a Igreja*, p. 114.

<sup>10</sup>S. C. GUTHRIE, *Sempre se reformando. A fé reformada em um mundo pluralista*, p. 93.

### RECAPITULANDO

1. Descreva os três grandes paradigmas da teologia cristã de acordo com Farley.
2. Em sua opinião, quais são os limites do paradigma disciplinar moderno da teologia?
3. Como você definiria teologia prática?
4. Qual é a relação entre teologia prática e espiritualidade?
5. Que é ação cristã e como se relaciona com o discurso?
6. Por que a ação não pode ser considerada o critério da teologia prática?
7. Quais são os riscos e os valores da teologia prática?